

O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA ESCRITA DE CRIANÇAS RECIFENSES

Ana Carla Estellita Vogeley (UFPE/UFPB)
Dermeval da Hora (UFPB)

INTRODUÇÃO

Embora, no Brasil, haja um contingente populacional que não tem acesso à língua escrita e à variedade padrão, muito pouca atenção tem sido dada à influência da diversidade lingüística no processo de aprendizagem de escrita; sendo, portanto, necessário o desenvolvimento de um suporte teórico-metodológico adequado à realidade do país, em termos lingüísticos e educacionais, contribuindo para uma pedagogia sociolingüisticamente sensível.

Por essa razão, para aqueles que não têm acesso à língua falada padrão, a alfabetização não é apenas aprender a ler e a escrever, mas representa um momento de substituição da variedade não-padrão por outra variedade utilizada pela escola (padrão), até então não-habitual e, logo, desconhecida, sendo, por esse motivo, difícil de ser manipulada.

Os alunos levam para a sala de aula toda a experiência que têm da oralidade, convivendo com a interferência da atividade lingüística oral nos diversos tipos de produção escrita, utilizando-se da linguagem oral como mediadora de um outro processo lingüístico em construção, à medida em que ocorre, gradativamente, a incorporação dos recursos específicos da escrita de diferentes naturezas, a partir da convivência com materiais escritos.

Devido ao fato de os alunos terem acesso limitado à norma culta ou padrão, em seu ambiente social (principalmente aqueles que freqüentam as escolas da rede pública), é preciso levar em consideração, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005), a interferência das regras fonológicas e morfosintáticas que constituem a variação dialetal na aprendizagem da língua portuguesa padrão. Sendo assim, observa-se que os “erros” cometidos por esses alunos são sistemáticos e previsíveis, à medida em que são conhecidas as características do dialeto em questão.

É importante, então, como aponta Cagliari (1989), considerar que as dificuldades na relação fonema x grafema fazem parte do processo natural de aquisição da língua escrita, caracterizando um processo de transcrição ou “vazamento” da fala para escrita (ABAURRE, 2006), capaz de revelar hipóteses e representações da língua de um modo geral, muito mais do que uma falha.

Abaurre e Cagliari (1985) e Abaurre (1988) observaram que aparecem, na escrita inicial, algumas características fonéticas segmentais das variedades lingüísticas utilizadas pelos aprendizes. Destaca-se, a partir disso, a importância dos dados de aquisição de escrita para a discussão da natureza da relação estabelecida pelas crianças entre a escrita e o componente fonológico da linguagem.

Acreditando nisso, este estudo irá deter-se, principalmente, nas dificuldades gráficas relacionadas com a fala, por influência desta, considerando-se as características sociais e históricas na pronúncia das palavras, em termos de variação.

Quando se trata das questões de semelhança e diferença da fala e escrita, há um conjunto de problemas que precisam ser preliminarmente esclarecidos, uma vez que, se por um lado o código gráfico e o código fônico representam uma dicotomia mais nítida, fisicamente identificável, por outro lado, o falado e o escrito representam um continuum, tal como defende Marcuschi (2000).

De acordo com Camara Jr. (1970), a modalidade de língua escrita padrão, do ponto de vista sociológico se sobrepõe, inelutavelmente, à língua oral. Para ele, só se pode compreender e dominar a escrita com base na correta compreensão do funcionamento da fala.

A partir dessa discussão, pode-se ter a idéia de que o aprendiz tenta produzir, a partir desse “erro” identificado como apoio na oralidade, uma escrita “colada” na oralidade (ABAURRE, 1999), de modo a representar, através de letras, os sons da fala, ou seja, pode-se postular, equivocadamente, que a escrita depende radicalmente da fala. Ou, por outro lado, pode-se acreditar que a escrita está totalmente distante e imune à interferência da fala, caracterizando um rompimento total entre a fala e escrita, reforçando a idéia de dicotomia entre essas duas modalidades, considerando-se, nessa

perspectiva, que as duas modalidades são distintas sob todos os aspectos, tratando-se de dois sistemas lingüísticos ou duas línguas distintas.

No entanto, no período inicial de aquisição da escrita, as crianças ainda não conseguem discernir que a língua escrita tem seus recursos específicos e que a fala, por ser mais dinâmica e mais susceptível a variações e mudanças, carrega maiores opções de realizações, enquanto que a escrita não costuma representar, através das marcas gráficas, as diferentes variações utilizadas pelos falantes.

Esse estudo tem foco na regra de elevação ou alçamento, no sentido de observar a possível relação entre a oralidade e escrita, no que concerne ao uso da variante geolingüística, uma vez que se sabe que os falantes da região metropolitana do Recife privilegiam o uso da variante aberta (E, O), a partir de uma regra de abaixamento, ou o uso da variante alta (i,u), a partir de regras de alçamento, conforme ocorre nos casos de mO'rango, pE'zada, ku'mida, iS'kOla e pi'kenú.

Vale salientar, ainda, que poucos estudos investigam como ocorre a variação vocálica presente na fala das crianças afeta a representação do sistema na escrita. Faz-se necessário, diante disso, que seja investigada a interferência da oralidade nas decisões tomadas pelas crianças a respeito de quais letras devem usar na escrita.

Constituem-se, portanto, como questões norteadoras desse estudo:

- Como as crianças representam na escrita os padrões sonoros variáveis?
- Há contextos lingüísticos mais favoráveis à variação também na escrita? Quais?
- Os contextos favoráveis à variação na fala são os mesmos contextos que favorecem a representação da variante, na escrita?
- De que maneira as variações e as mudanças vistas na comunidade adulta se refletem na aprendizagem da escrita?
- A variação também na escrita, considerada uma dificuldade ortográfica, é superada quando há uma estabilidade em relação à aquisição do seu sistema fonológico? Ou tem relação com o tempo de exposição à língua escrita e seus refinamentos próprios?

Partindo da hipótese de que há um “vazamento” (ABAURRE, 2006) da variação social ou regional para a língua escrita das crianças, o objetivo geral desse estudo é investigar o processo de alçamento das vogais médias pretônicas na escrita de crianças da cidade do Recife-PE. Para tanto, o estudo tem como objetivos específicos:

- i. Determinar os contextos em que a variação ocorre na fala;
- ii. Observar se a regra de alçamento das pretônicas que ocorre na fala é refletida no processo de aprendizagem da modalidade escrita da língua;
- iii. Avaliar se os mesmos contextos, lingüísticos e extralingüísticos, condicionadores da variação na fala, operam, também, na escrita;

No que concerne à língua escrita, a possibilidade de elevação ou alçamento das vogais médias pretônicas pode constituir um fator de dificuldade, tanto para a criança, quanto para o professor que lida com esses fenômenos, uma vez que passa a ser concebida como um caso de apoio na oralidade e, portanto, tratada como um erro gráfico.

Este estudo pode contribuir no sentido de indicar, sob a perspectiva da variação, oferecer subsídios que auxiliem a aprendizagem da língua escrita, focalizando a autocorreção, enquanto processo natural e espontâneo, indicando os contextos mais prováveis em que, na escrita, ocorre neutralização ou uniformização dialetal, principalmente, destacando a importância de sensibilizar os alunos quanto aos usos regionais, demonstrando alguns usos que implicam discriminação ou preconceito lingüístico.

1 METODOLOGIA

Esta pesquisa se configura com um desenho transversal, uma vez que foram selecionadas, em escolas da rede pública que atendem o Ensino Fundamental, 36 crianças, entre 7 e 12 anos. As crianças foram investigadas a partir de duas visitas da pesquisadora, obtendo-se, assim, um retrato de como o desfecho está relacionado com a exposição naquele determinado e único momento. Não haverá, logo, um acompanhamento longitudinal da escrita desses sujeitos.

A amostra foi composta por trinta e seis crianças, de ambos os sexos, com idade entre 7 e 12 anos, nativas e residentes da cidade do Recife-PE, freqüentadoras de escolas da rede pública,

localizadas na mesma região. O controle da amostra, com base nos parâmetros variacionistas (LABOV, 1966, 1972), ocorreu a partir da estratificação por sexo, faixa etária e escolaridade, conforme está ilustrado:

1.1 Caracterização das crianças

Todas as crianças que participaram desse estudo eram nascidas e residentes em Recife-PE, também filhas de recifenses. Além disso, nenhuma criança observada passou mais de seis meses fora da cidade e nem tiveram contato intenso com pessoas de outra naturalidade.

Quadro 2. Distribuição das células sociais

| | | | |
|--------------------|--------------------|---------------------|---|
| 36 crianças | Segunda série: 12 | ❖ Sexo feminino: 6 | ❖ De 7 a 8 anos: 2 ❖ De 9 a 10 anos: 3 ❖ De 11 a 12 anos: 1 |
| | | ❖ Sexo masculino: 6 | ❖ De 7 a 8 anos: 2 ❖ De 9 a 10 anos: 2 ❖ De 11 a 12 anos: 2 |
| | | | |
| | Terceira série: 12 | ❖ Sexo feminino: 6 | ❖ De 7 a 8 anos: 1 ❖ De 9 a 10 anos: 3 ❖ De 11 a 12 anos: 2 |
| | | ❖ Sexo masculino: 6 | ❖ De 7 a 8 anos: 1 ❖ De 9 a 10 anos: 3 ❖ De 11 a 12 anos: 2 |
| | | | |
| | Quarta série: 12 | ❖ Sexo feminino: 6 | ❖ De 7 a 8 anos: 1 ❖ De 9 a 10 anos: 3 ❖ De 11 a 12 anos: 2 |
| | | ❖ Sexo masculino: 6 | ❖ De 7 a 8 anos: 2 ❖ De 9 a 10 anos: 3 ❖ De 11 a 12 anos: 1 |
| | | | |

As crianças da primeira série (das escolas observadas) não conseguiram escrever palavras funcionais, além do próprio nome, por isso, foram selecionadas apenas as crianças de segunda à quarta série do Ensino Fundamental I, de modo a serem obtidas as amostras de escrita. Além disso, as crianças cuja escrita apresentava sintomas de problemas de aprendizagem foram excluídas da pesquisa, uma vez que isso influenciaria diretamente nos resultados. Todas as crianças são naturais de Recife e filhas de pais também recifenses, e não moraram fora da região de investigação por mais de um ano.

Para a obtenção dos dados, foi feita uma eliciação de escrita, através de um instrumento de coleta elaborado pelos pesquisadores, como um “ditado ilustrado” para que não houvesse influência por parte da fala da pesquisadora. As crianças visualizavam as figuras e deveriam escrever os nomes de cada uma delas. Esse instrumento contém 44 vocábulos devidamente balanceados conforme as variáveis envolvidas no estudo, como contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e tonicidade da sílaba, que já foram destacadas pela literatura na área dos estudos sobre as vogais do português. Foi considerada, ainda, na seleção das palavras, as possibilidades de redução (harmonização) vocálica, conforme pode ser observado na Lista de palavras-gravuras.

Foram realizadas análises dos dados tanto na abordagem quantitativa, quanto na qualitativa. Para um tratamento estatístico, os dados foram codificados, lançados e analisados no pacote de programas estatísticos GOLDVARB 2001.

Foram estabelecidas duas variáveis dependentes, três variáveis sociais ou extralingüísticas e seis variáveis lingüísticas, conforme está descrito a seguir:

- ❖ Variáveis dependentes: Elevação da vogal; Não- elevação da vogal.
- ❖ Variáveis sociais: Sexo; Escolaridade; Idade.
- ❖ Variáveis lingüísticas: Vogal da sílaba seguinte; Consoante da sílaba seguinte; Contexto fonológico precedente; Contigüidade da pretônica em relação à tônica (distanciamento da tônica); Tipo de elevação (para U, ou para I).

Nessa pesquisa, serão abordadas apenas as variáveis sociais do tipo sexo, escolaridade e faixa etária, uma vez que se acredita que pode haver diferenças na frequência das variáveis dependentes em questão, em crianças de diferentes idades, sexo ou série.

A análise estatística, realizada pelo GOLDVARB 2001, foi feita a partir da codificação de cada ocorrência da variável lingüística dependente analisada, com base nos valores atribuídos aos fatores lingüísticos e sociais, que constituem as variáveis independentes.

Desse modo, a análise permitiu a obtenção, em valores de frequência, das variáveis independentes mais relevantes na produção das formas investigadas. Além disso, o programa permitiu observar o índice geral de aplicação da regra variável, a frequência, os valores percentuais e os pesos relativos de uma dada variante, as variáveis lingüísticas e extralingüísticas significativas e as variáveis não significativas para a análise.

2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A proposta desse estudo foi observar as possíveis variações entre as vogais médias fechadas, grafadas como “e” e “o”, para altas, grafadas com “i” e “u”, respectivamente, uma vez que, na oralidade, em posição pretônica, é comum esse fenômeno, principalmente quando condicionado por fatores internos. Daí a importância em se observar se as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que condicionam a fala também vão acarretar a variação na modalidade escrita da língua, durante o processo de aprendizagem.

Parece, então, crucial estabelecer uma classificação e uma caracterização desses aspectos, considerando o critério que distingue estratégias voltadas para a fala daquelas voltadas para a escrita, de modo a perceber as diferenças e as interfaces.

2.1 Análise das variáveis

O programa Goldvarb 2001 gerou o número de 436 células, com valores de aplicação do tipo 1 e 0, que se referem à elevação e não elevação, respectivamente, totalizando 32 fatores envolvidos na análise estatística.

2.1.1 Análise das variáveis sociais ou extralingüísticas

Como pode ser observado na Tabela 1, o processo de elevação da vogal média pretônica, na escrita, foi mais comum nos meninos, do que nas meninas, uma vez que 57% dos meninos realizaram a elevação (N= 459), enquanto que apenas 25% desse processo ocorreram nas meninas (N=208).

Tabela 1. Frequência das variáveis dependentes por sexo.

| SEXO | Não- Elevação | | Elevação | | Total | |
|------------------|---------------|----|----------|----|-------|-----|
| | N | % | N | % | N | % |
| Masculino | 351 | 43 | 459 | 57 | 810 | 50 |
| Feminino | 602 | 75 | 208 | 25 | 810 | 50 |
| Total | 953 | 59 | 667 | 41 | 1620 | 100 |

Isso significa dizer que o fator sexo interfere de forma significativa no processo de elevação das vogais médias em posição pretônica, na escrita das crianças que estão em período de aprendizagem da escrita. Esse dado corrobora algumas indicações de estudos prévios sobre o fator sexo nas escolhas lingüísticas.

Mollica (1998) também verificou esse resultado em um estudo sobre o processo de redução dos ditongos, ou seja, sobre o fenômeno da monotongação, em crianças no processo de alfabetização. De acordo com ela, as meninas apresentam facilidade no aprendizado no uso de formas lingüísticas de prestígio social, enquanto que os meninos parecem ser mais “displicentes”, uma vez que, tanto na fala como na escrita, neles, prevalecem as variedades de baixo prestígio social. Isso porque o sexo feminino é motivado pelo prestígio encoberto, com maior tendência a aderir às formas prescritas tradicional ou formalmente e esse perfil é também manifestado na escrita.

Alguns estudos (FISCHER, 1985 e MOLLICA, 1998) revelam que as mulheres apresentam uma maior polidez lingüística, com maior concordância verbal e nominal, por exemplo, ou seja, fazem maior uso da variante considerada padrão, do que os homens.

É interessante destacar que essa diferença é acentuada quando o nível socioeconômico é mais baixo, conforme destaca Mollica (1998). Como este estudo observou apenas crianças matriculadas em escolas da rede pública de ensino, aponta-se na possibilidade de se fazer um estudo comparativo com escolas particulares, com o objetivo de observar se essa discrepância entre os sexos feminino e masculino é minimizada.

Além disso, é necessário salientar que esse resultado, em relação aos diferentes desempenhos entre meninos e meninas, na escrita, no que se refere à variável dependente (elevação ou não-elevação), não aconteceriam na oralidade, uma vez que é comum na região geográfica investigada.

Os dados também foram analisados por escolaridade (série) e por idade (faixa etária) e o que, aparentemente, é redundante em relação a esses dois fatores, no que diz respeito ao cenário das escolas públicas, não o é, já que existem muitas crianças desperiodizadas ou “fora de faixa” para a série. Assim, havia crianças com 9 anos na segunda série e com a mesma idade, na quarta. Por isso foi feito um levantamento separadamente, como dois fatores distintos, como está ilustrado nas Tabelas 2 e 3.

Na Tabela 2, observa-se que os alunos da quarta série apresentaram menos processos de elevação, com apenas 15 % de fenômenos de elevação, em comparação com os alunos de terceira (60% de elevação) e segunda (47% de elevação). No entanto, percebe-se que a segunda série ainda revela menos processos de elevação das médias do que a terceira, o que pode ter ocorrido devido à presença de crianças com maiores idades na segunda série, uma vez que o processo de alfabetização, nas escolas públicas, é um pouco mais tardio.

Tabela 2. Frequência das variáveis dependentes por escolaridade.

| ESCOLARIDADE | Não- Elevação | | Elevação | | Total | |
|--------------|---------------|-----------|----------|-----------|-------|-----|
| | N | % | N | % | N | % |
| 2ª. | 284 | 52 | 256 | 47 | 540 | 33 |
| 3ª. | 213 | 39 | 327 | 60 | 540 | 33 |
| 4ª. | 456 | 84 | 84 | 15 | 540 | 33 |
| Total | 953 | 58 | 667 | 41 | 1620 | 100 |

De uma maneira geral, esses dados revelam que o desempenho na escrita, no que se refere à diminuição do apoio na oralidade, melhora com o aumento da idade e da escolaridade, uma vez que as frequências das variáveis em relação à idade foram equivalentes às relacionadas à escolaridade.

Em relação à presença do processo de elevação das médias pretônicas, na escrita, de acordo a idade, observou-se, como mostra a Tabela 3, que as crianças de 11 a 12 anos, apresentam menos esse fenômeno do que aquelas de 7 a 10 anos. No entanto, não há mudanças significativas entre os grupos de crianças de 7 a 8 anos e de 9 a 10 anos, com diferença de apenas 1%, para a presença do fenômeno de elevação.

Vale salientar, ainda, que as crianças com 11 e 12 anos estavam frequentando a quarta série do ensino fundamental. Esse dado revela que, a partir da quarta série, no cenário da rede pública de ensino, é que ocorrem saltos quantitativos e qualitativos no que se refere à modalidade escrita da língua e sua independência em relação à oralidade. Claro que, na escola particular, esse salto pode ocorrer em séries mais iniciais, mas isso é algo que ainda merece ser investigado em termos comparativos.

Tabela 3. Frequência das variáveis dependentes por idade.

| IDADE | Não- Elevação | | Elevação | | Total | |
|---------------------|---------------|----|----------|----|-------|-----|
| | N | % | N | % | N | % |
| 7 a 8 anos | 125 | 55 | 100 | 44 | 225 | 13 |
| 9 a 10 anos | 610 | 56 | 470 | 43 | 1080 | 66 |
| 11 a 12 anos | 218 | 69 | 97 | 30 | 315 | 19 |
| Total | 953 | 58 | 667 | 41 | 1620 | 100 |

Esse resultado demonstra que as turmas mais iniciais, como segunda e terceira série, em se tratando de escolas da rede pública, ainda não são sensíveis às diferenças que existem entre o oral e o escrito, se apoiando, ainda, nos aspectos fonéticos para realizar as escolhas gráficas, enquanto que os alunos, a partir da quarta série, já conseguem assimilar essas diferenças.

2.1.2 Análise das variáveis internas ou lingüísticas

Na intenção de se observar se os mesmos fatores internos que condicionam a mudança e a variação na oralidade também favorecem ao processo de elevação das médias, na escrita, foi feito um levantamento de todos os fatores que favorecem ou desfavorecem a elevação. Para tanto, foram observados o contexto vocálico seguinte, o contexto consonantal seguinte, o contexto fonológico precedente, a distância da tônica e o tipo de elevação, se para [i] ou para [u].

De acordo com a Tabela 4, pode-se ver que apareceram, na escrita das crianças, mais processos de elevação da média pretônica, quando havia uma vogal média alta (e, o), com frequência de 42%, ou vogal alta (i, u), com frequência também de 42%, na sílaba seguinte, o que também constitui um ambiente favorável à elevação na oralidade, havendo, portanto, nesse caso, um encontro das variáveis condicionantes em relação à oralidade e à escrita.

Tabela 4. Processos x vogal da sílaba seguinte.

| Vogal da sílaba seguinte | Não-elevação | | Elevação | | Total | |
|--------------------------|--------------|----|----------|----|-------|-----|
| | N | % | N | % | N | % |
| /a/ | 183 | 56 | 141 | 43 | 324 | 20 |
| /e/ ou /o/ | 310 | 57 | 230 | 42 | 540 | 33 |
| /i/ ou /u/ | 353 | 57 | 259 | 42 | 612 | 37 |
| Ditongos | 33 | 91 | 3 | 8 | 36 | 2 |
| /E/ ou /O/ | 74 | 68 | 34 | 31 | 108 | 6 |
| Total | 953 | 58 | 667 | 41 | 1620 | 100 |

A não ocorrência da elevação se deu, principalmente, quando as médias pretônicas encontravam-se seguidas de um ditongo ou de uma média aberta (E, O), com frequência de 91% e 68%, respectivamente. Esse dado também condiz com o fator que condiciona a não-elevação na oralidade, uma vez que em palavras como “leão”, ocorre o abaixamento da pretônica, como foi observado no estudo de Hora e Vogeley (2008). No entanto, esperava-se que a vogal “a” também representasse um contexto vocálico seguinte mais desfavorável à elevação, mas teve muitas ocorrências com elevação (43%), como nos casos de *bulacha*, *escada* e *espada*. No entanto, esses mesmos vocábulos contêm consoantes e estruturas silábicas que condicionariam o alteamento ou elevação, sendo, esse, portanto, o motivo de terem sofrido o processo.

Tabela 5. Frequência dos processos por contexto seguinte.

| Contexto seguinte | Não-elevação | | Elevação | | Total | |
|-------------------|--------------|----|----------|----|-------|-----|
| | N | % | N | % | N | % |
| /S/ | 309 | 66 | 159 | 33 | 468 | 28 |
| Vogal | 75 | 69 | 33 | 30 | 108 | 6 |
| Alveolar | 344 | 59 | 232 | 40 | 576 | 35 |
| Velar | 77 | 42 | 103 | 57 | 180 | 11 |
| Bilabial | 80 | 55 | 64 | 44 | 144 | 8 |
| Palatal | 48 | 44 | 60 | 55 | 108 | 6 |
| /R/ | 20 | 55 | 16 | 44 | 36 | 2 |
| Total | 953 | 58 | 667 | 41 | 1620 | 100 |

No que se refere ao contexto seguinte, conforme mostram os dados da Tabela 5, as consoantes que favoreceram a elevação das médias pretônicas, na escrita das crianças, foram as velares (57%) e as palatais (55%), como nas palavras *fugão*, *iscurrego*, *muchila*, *vistido* e *ispada*. Esse dado corrobora o

apoio na oralidade, uma vez que os mesmos contextos condicionam a variação na oralidade, visto que, para o fenômeno de elevação, Pereira (1997) destaca as alveolares sibilantes e as palatais subsequentes como condicionadoras da aplicação de [i] e Yacovenco (1993) aponta as velares favorecendo a aplicação da elevação das médias pretônicas na cidade do Rio de Janeiro.

Vogeley e Hora (2008) também confirmam as consoantes velares e palatais seguintes como ambientes favoráveis ao alteamento, em falantes da cidade do Recife, o que confirma esse possível “vazamento” da oralidade para escrita, já que os fatores que condicionam o processo são os mesmos.

Esperava-se, no entanto, que a frequência da elevação fosse maior quando a média estivesse seguida de um arquifonema /S/, que receberia uma pronúncia categoricamente palatalizada, uma vez que essa é a variação utilizada na região metropolitana do Recife, como em *viʃ'tidu* e *iʃ'kada*. No entanto, as crianças pareciam estar entendendo que o processo de elevação era o que estava em jogo, pois algumas, maiores, demonstraram saber qual o fenômeno a avaliação queria observar, conforme os recortes abaixo:

Criança 4 (sexo masculino, 4ª série, 12 anos): /.../ *e é tudo com 'i' é tia? Mas é com 'e' e tu qué vê se a gente bota 'i' né não? /.../*

Criança 7 (sexo feminino, 4ª. série, 9 anos): /.../ *tu qué que eu escreva aqui no papel como eu falo ou como a gente deve escrever certo? /.../*

Essas crianças realmente pareciam fazer distinções cruciais entre a oralidade e a escrita e foram os sujeitos da pesquisa que apresentaram menor quantidade de processos de elevação em suas escritas, o que corrobora a hipótese de que, quanto mais os alunos se tornam conscientes das diferenças entre fala e escrita, menos processos de variação ocorrerão em suas produções escritas.

Como foi dito anteriormente, em alguns casos, mesmo com uma vogal não favorável à elevação, ocorreram alguns processos, devido ao contexto precedente e seguinte. No que se refere ao contexto precedente, como está descrito na Tabela 6, os ambientes fonológicos favoráveis à elevação foram as bilabiais (50%) e as palatais (66%), como nas palavras *bulacha*, *buneca*, *muchila*, *buchechea*, *minina*, *piqueno*, *pipino*, *pirigo*, *pulicia*, *mintira*, *mucego*, *burracha* e *juelho*.

A não-elevação foi condicionada pela condição da vogal média estar em *onset* absoluto, ou seja, diante de um zero fonético (69%) e diante de uma velar (63%), como nos vocábulos *orelha*, *cozinha*, *comida* e *coelho*.

Tabela 6. Frequência dos processos por contexto precedente.

| Contexto Precedente | Não-elevação | | Elevação | | Total | |
|---------------------|--------------|----|----------|----|-------|-----|
| | N | % | N | % | N | % |
| Absoluto | 325 | 69 | 143 | 30 | 468 | 28 |
| Lábio dental | 99 | 55 | 81 | 45 | 180 | 11 |
| Velar | 161 | 63 | 91 | 36 | 252 | 15 |
| Bilabial | 231 | 49 | 237 | 50 | 468 | 28 |
| Alveolar | 125 | 57 | 91 | 42 | 216 | 13 |
| Palatal | 12 | 33 | 24 | 66 | 36 | 2 |
| Total | 953 | 58 | 667 | 41 | 1620 | 100 |

Vale destacar que “coelho” foi uma palavra que apresentou muitos casos de grafia com a manutenção da média porque as crianças se mostraram bem familiarizadas com a palavra, como se ela fosse muito usada em suas escritas.

Tabela 7. Frequência dos processos por proximidade da tônica em relação à pretônica.

| Contiguidade | Não- Elevação | | Elevação | | Total | |
|---------------------|---------------|----|----------|----|-------|-----|
| | N | % | N | % | N | % |
| Contígua | 895 | 57 | 653 | 42 | 1548 | 95 |
| Não-contígua | 58 | 80 | 14 | 19 | 72 | 4 |
| Total | 953 | 58 | 667 | 41 | 1620 | 100 |

Outro dado relevante é que, na escrita das crianças, quando a vogal média pretônica está contígua ou próxima à tônica, fica mais vulnerável ao processo de elevação, uma vez que a vogal da sílaba seguinte exerce mais força no condicionamento interno. Além disso, quando a média pretônica

está mais distante da tônica, é mais fácil ser mantida a vogal média (e, o), ou seja, não sofrer o processo de elevação ou alteamento, como no caso da palavra *escorrego* e *escorpião*, conforme está demonstrando a Tabela 7.

De uma maneira geral, pode-se observar que as crianças revelaram, em suas produções escritas, as representações das vogais médias pretônicas, tanto a partir de uma grafia com vogais altas, demonstrando o apoio na oralidade, como grafando com a média fechada, já revelando uma certa sensibilidade às diferenças entre fala e escrita e uma consciência de que a ortografia tende a neutralizar as variações.

Tabela 5. Frequência dos processos.

| Tipo de processo | N | % |
|------------------------------|-----|----|
| Elevação | 667 | 41 |
| Manutenção da fechada | 943 | 58 |

Esse resultado, um tanto equiparado, como pode ser observado na Tabela 5, em termos de processos apresentados nas escritas, decorre do fato de terem sido observadas crianças de segunda a quarta série, uma vez que as da alfabetização e primeira série não conseguiram produzir as palavras que estavam contidas no teste, apenas esboçando uma fixação na fase silábica da psicogênese da escrita.

O fato de aparecerem 667 processos de elevação, equivalente a 41%, e 943 de manutenção da fechada, o que equivale a 58%, mostra que as crianças, embora ainda em aprendizagem da escrita, já descobriram algumas diferenças entre fala e escrita, no que diz respeito às vogais médias pretônicas, ou por já terem acumulado algumas experiências com materiais escritos, ou por terem descoberto, a partir de uma instrução formal, da escola, essas diferenças, especificamente.

Apesar disso, o número de processos de elevação ainda é muito alto, o que revela que, ainda que as produções estejam flutuantes em relação à regra de alicamento, é necessária uma intervenção pedagógica, fundada em conhecimentos fonético-fonológicos que valorize as variações dialetais como algo presente na aprendizagem. Percebendo essas interferências, o professor pode tornar consciente essa transferência, auxiliando nessa descoberta de que a fala não é reproduzida na escrita.

No entanto, o cenário sociolingüístico é complexo e os cursos que formam professores para enfrentar essa realidade parecem que formam pessoas para trabalhar com o falante nativo ideal em uma comunidade de fala homogênea, sem conflitos.

Além disso, como destaca Bortoni-Ricardo (2005), as escolas de zona rural ou de periferia atendem a uma clientela com características socioculturais específicas, que se distinguem da clientela de escolas urbanas dos bairros de classe média. Essas especificidades não são contempladas devidamente nos livros didáticos, nem nas propostas curriculares, cabendo aos professores a difícil tarefa de adequar os conteúdos programáticos aos antecedentes culturais de seus alunos.

Isso não significa dizer que o papel da escola é ensinar regras ou ensinar a gramática, mas não pode ser descartada a função da escola de instrumentalizar os seus alunos a perceberem algumas diferenças formais entre a oralidade e a escrita e a oferecer-lhe suporte teórico-metodológico sobre o que condiciona os usos e as normas.

É necessário, portanto, assumir a necessidade de uma intervenção eficiente no processo de alfabetização, destacando a percepção de fenômenos comuns à fala e à escrita e de fenômenos específicos a cada uma delas, possibilitando à criança distinguir estratégias voltadas para a fala e estratégias voltadas para a escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, buscou-se realizar uma análise sociolingüística de base fonético-fonológica, na intenção de contribuir para os estudos que se preocupam em oferecer melhorias metodológicas e pedagógicas ao processo de alfabetização. Partiu-se, assim, da observação de fenômenos de variação na região da cidade do Recife, na tentativa de estabelecer uma correlação entre esses processos sociolingüísticos e a aprendizagem da língua escrita, acreditando em um ensino bem orientado e dirigido.

De acordo com o que foi descrito, observa-se que a regra de alçamento das médias pretônicas que ocorre na fala das crianças investigadas, ou seja, crianças falantes do dialeto recifense, encontra-se refletida no processo de aprendizagem da modalidade escrita.

Os casos em que a regra de variação na fala é categórica, foram aqueles em que mais apareceram a elevação também na escrita, como nas palavras “iscurrego”, “muchila” e “mintira”. No entanto, não apenas os contextos em que a variação é categórica, na oralidade, foram os únicos ambientes favoráveis. Observou-se que, até mesmo os contextos em que a variação é alternante, aparecem como facilitadores, também, na escrita, como no caso de “leão” e “orelha”, que tiveram presenças equivalentes em termos de formas com elevação e sem elevação.

Outra questão que chamou atenção foi o fato de que os condicionadores da variação na fala também operam na escrita de crianças em fase inicial de aprendizagem. Apesar disso, verificou-se um outro fator importante nesse processo: a familiaridade com a palavra. As crianças costumavam realizar mais apoio na oralidade, produzindo mais elevações nas pretônicas, quando a palavra era pouco conhecida, como “juelho” e “disfile”, por exemplo. Ao contrário, quando a palavra era mais usada ou mais conhecida, apareciam menos apoios na fala, como nos casos de menina, boneca e Recife.

No entanto, em relação ao vocábulo “Recife”, além de ser uma palavra muito utilizada pelas crianças, por estar escrita, inclusive, nos uniformes escolares, é uma palavra cuja elevação não ocorre categoricamente na fala, uma vez que a variação é decorrente de fatores extralingüísticos, como idade. Observa-se que, nessa comunidade, as crianças produzem, na oralidade, a forma [he'sifi], sem elevação, o que também apareceu na escrita, tanto por uma questão de familiaridade com a palavra, como, também, porque é a forma utilizada por elas na oralidade.

Um dado importante, observado nesta pesquisa, é que, nas meninas, os processos de elevação foram menos frequentes do que nos meninos, revelando que, no sexo feminino, há uma tendência em se preservar as características formais da escrita, havendo, possivelmente, uma maior atenção para as suas diferenças em relação à fala, no sentido de que as meninas percebem, mais facilmente, que as duas modalidades da língua, embora apresentem semelhanças, têm parâmetros próprios.

Ainda que os fenômenos aqui observados não sejam estigmatizados, essas formas lingüísticas empregadas parecem estar dificultando a escrita ortograficamente correta desses sujeitos, na medida em que eles se apóiam na oralidade para escrever.

É necessário, ainda, tentar colher dados de crianças de alfabetização, uma vez que neste estudo não foi possível. Mas se acredita que os dados obtidos a partir das produções escritas de crianças ainda no início do processo podem revelar algumas informações importantes no que diz respeito a essa “colagem” da escrita na oralidade.

Sugere-se, também, que sejam realizados outros estudos investigando os fenômenos do presente estudo, utilizando-se da estratégia metodológica de trabalhar com grupo controle, de modo que haja dois grupos, um que receba instruções explícitas sobre os fenômenos da fala e seus efeitos na modalidade escrita e outro que não as receba. Esse procedimento, de acordo com Mollica (1998), permite que sejam comparados os resultados entre os grupos, estimando-se uma possível eficácia de uma proposta pedagógica diretiva, ao lidar com os “problemas” encontrados no percurso de aprendizagem da escrita, “provocados” por uma possível influência da oralidade.

Sendo assim, os fenômenos fonológicos aqui observados requerem uma aplicação pedagógica de regras dirigidas apenas em relação à língua escrita, porque na língua oral, a preservação das variantes observadas, neste estudo, não implica conseqüências negativas, do tipo que estigmatizam os falantes, uma vez que são comuns na comunidade estudada. Mas claro que, a depender das variantes em jogo, o preconceito com relação à falta de intimidade com a escrita ainda permanece como um fator determinante de exclusão.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.B.M. e CAGLIARI, L.C. Textos espontâneos na 1ª série: evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita. Em: Cadernos CEDES 14, **Recuperando a alegria de ler e escrever**. São Paulo: Cortez Editora. (pp. 25-29). 1985.
- _____. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito?. Em: Kato, M. (org.), **A Concepção da Escrita pela Criança**. Campinas: Pontes Editores, 1988, p. 135-142.

- _____. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. Em: R. Lamprecht (org.), **Aquisição da Linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p.167-186.
- _____. **Dados de aquisição da escrita**: considerações a respeito de indícios, hipóteses e provas, Anais do ENAL, PUCRS, 2006.
- BATTISTI, E. e VIEIRA, M. J. B. **O sistema vocálico do português**. BISOL (org.), Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BISOL, L. **Harmonização Vocálica**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Dissertação de mestrado, 1981.
- _____. **Vowel Harmony**: a variable rule in Brazilian Portuguese. *Language variation and Change*, 1. Cambridge University Press, 1989.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Referenciais para formação de professores**. Brasília, 1999.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- _____. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CALLOU, D.; LEITE, Y., COUTINHO, L. & CUNHA, C. **Um problema na fonologia do português**: variação das vogais pretônicas. In: PEREIRA, C. da C. e PEREIRA, P.R.D. (orgs.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 1970.
- CAVALCANTI, M. C. **A prática como fonte de projetos de pesquisa para a formação de professores**. In: J. C. P. ALMEIDA Fº (org.) *Professores de Língua Estrangeira em Formação*. Campinas, SP: Editora Pontes.
- FISHER, J. **Social influence of a linguistic variant**. *Word* 14, 1958, p. 47-56.
- MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. São Paulo: Cortez. 2000.
- MOLLICA, M.C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- OLIVEIRA, F. de. **A gramática da linguagem portuguesa**. Introdução, leitura e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1975.
- PEREIRA, R. C. **As vogais médias pretônicas na fala do pessoense urbano**. João Pessoa: UFPB / CCHLA / Curso de Pós-Graduação em Letras, 1997. Dissertação de Mestrado.
- VIEGAS, M. C. **Alçamento das vogais pretônicas**. Belo Horizonte: UFMG, 1987. Dissertação de Mestrado.
- VOGELEY, A.C.E.; HORA, D. O. **Aquisição das vogais médias pretônicas**. In: XV Congresso Internacional de la ALFAL, 2008, Montevideo. Livro de Resúmenes. Montevideo: Gega s.r.l., 2008. p. 150.
- YACOVENCO, L. C. **As vogais médias pretônicas na fala culta carioca**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. Dissertação de Mestrado.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança da lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.